

Desafios do olimpismo: contribuições da filosofia moral

Alberto Reinaldo REPPOLD FILHO
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

O presente ensaio fundamenta-se na suposição de que uma das funções do campo acadêmico que se convencionou chamar de Estudos Olímpicos é investigar problemas relacionados ao Olimpismo em diferentes contextos e a partir de diferentes perspectivas. Sendo assim, o estudo tem por objetivo apresentar uma breve visão da situação atual do Olimpismo e das contribuições que a reflexão filosófica pode trazer para o esclarecimento de problemas éticos a ele relacionados.

O Olimpismo, na forma como foi concebido por Pierre de Coubertin no final do século XIX e primeiras décadas do século XX, tem sido caracterizado como a filosofia que inspirou o renascimento dos Jogos Olímpicos e que continua a orientar o Movimento Olímpico da Era Moderna.

Existem vários estudos a respeito da formação das idéias de Coubertin sobre o Olimpismo. Estas, ao que parece, originaram-se a partir de diferentes influências. Para PARRY (1988), na elaboração do ideário Olímpico, Coubertin tomou a Grécia Antiga como modelo e combinou a sua visão da cultura helênica com o *ethos* do Cristianismo Muscular presente nas escolas públicas inglesas no auge do Liberalismo.

DACOSTA (1999) destaca que ao reconstruirmos as tradições que deram origem a produção literária de Coubertin, encontraremos uma forte identidade com o ecletismo francês do século XIX. Para o autor, a mistura de influências que caracterizou a emergência do Olimpismo pode ser considerada como um modelo de pensamento eclético.

YOUNG (1996) reconhece que o Olimpismo encontra-se fortemente associado a Coubertin, porém discorda da visão histórica tradicional que atribui ao Barão os méritos exclusivos pelo ressurgimento da idéia Olímpica. Em sua obra, o autor traça as origens do Olimpismo a um par de poemas do grego Panagiotis Soutsos, publicados em 1833, e as idéias do inglês William Penny Brooks expressas nas atas de criação da *Wenlock Olympian Class* em 1850. Segundo Young, Pierre de Coubertin foi influenciado por ambos e suas idéias diferem das deles apenas em algumas de suas características internacionais.

Em que pesem as dificuldades em estabelecer de forma inequívoca as origens da idéia Olímpica e a totalidade das influências que contribuíram para a sua formação, não há dúvida de que um número significativo de pessoas entende o Olimpismo como um conjunto de princípios e regras morais promovidos e seguidos pelo Movimento Olímpico.

A Carta Olímpica parece clara a esse respeito. Trata-se de “uma filosofia de vida que exalta e combina de uma maneira balanceada a totalidade das qualidades do corpo, da vontade e da mente,

combinando esporte com cultura e educação. Busca criar uma maneira de viver baseada no prazer encontrado no esforço, no valor educacional do bom exemplo e no respeito a princípios éticos fundamentais universais.” Seu objetivo é “colocar, em toda a parte, o esporte a serviço do desenvolvimento harmônico do homem, encorajando o estabelecimento de uma sociedade pacífica preocupada com a preservação da dignidade humana.” (Olympic Charter)

Embora, a definição de Olimpismo apresentada na Carta Olímpica seja apontada por alguns como vaga ou insuficiente, ela parece satisfatória no sentido de indicar um conjunto mínimo de princípios que servem de base para orientar as ações dos diferentes agentes (atletas, médicos, dirigentes, treinadores, etc.) que compõem o Movimento Olímpico.

Se esta interpretação é correta, emerge daí um problema que não pode ser negligenciado: existe uma distância demasiadamente grande entre o preconizado no documento oficial e as ações de vários membros do Movimento Olímpico. Isto pode ser notado mesmo entre os seus membros mais ilustres. Esse distanciamento entre a teoria e a prática tem sido alvo de críticas de diferentes setores. Acadêmicos, jornalistas, atletas e dirigentes têm-se manifestado a este respeito.

Ao longo das últimas décadas, as críticas se acumularam a tal ponto que muitos declararam que o Movimento Olímpico havia perdido a noção da filosofia que lhe dava sustentação. Faziam alusão aos casos de corrupção, comercialismo, *doping*, dentre outros acontecimentos, que envolviam membros da comunidade olímpica. Esses eventos passaram a ocupar com frequência espaços na mídia internacional, trazendo sérios constrangimentos para àqueles que se identificavam com o ideário Olímpico. Embora algumas medidas tenham sido tomadas, não foram suficientes para evitar novas ocorrências.

Isto tornou-se evidente nas acusações de suborno envolvendo membros do Comitê Olímpico Internacional quando da definição da sede dos Jogos Olímpicos de Inverno em Utah e dos Jogos Olímpicos de Sidney em 2000. Esses acontecimentos criaram um grande mal-estar, comprometendo, sobremaneira, a credibilidade do Movimento Olímpico.

Considerando a repercussão que tais ocorrências têm junto ao público, alguns anteviram o fim dos Jogos Olímpicos. Por certo, as empresas financiadoras das competições esportivas, imprescindíveis na corrente organização dos Jogos, não querem ter suas imagens associadas a eventos dessa natureza. Outros, mais otimistas, descreveram o momento como mais uma crise do Olimpismo. Independentemente de como se veja a situação, é fácil perceber que alterações se fazem necessárias.

Dada a situação atual, alguns têm-se perguntado se a Filosofia Moral pode contribuir para a solução de problemas éticos relacionados ao Olimpismo. Os acadêmicos têm reagido de maneira afirmativa a esta indagação.

A Filosofia Moral procura entre outras coisas responder a seguinte questão: Como devo, como posso agir? As ações humanas estão orientadas a partir de um conjunto de valores éticos e morais. O *ethos* compreende atitudes e comportamentos que caracterizam uma cultura ou um grupo social na medida em que eles assumem certos valores ou hierarquia de valores. A Filosofia Moral preocupa-se em investigar e fundamentar os princípios que orientam as ações humanas e se apresenta como pré-requisito para qualquer tipo de atividade.

Neste sentido, no âmbito do Olimpismo, os estudos realizados a partir da Filosofia Moral contribuem para

a compreensão das ações dos diferentes agentes envolvidos com as atividades esportivas. Na área da investigação, auxiliam no esclarecimento dos limites éticos da pesquisa científica. No ensino, no treinamento e nas competições esportivas, ajudam no estabelecimento dos princípios e valores que orientam as relações entre professores, alunos e pais e entre treinadores e atletas, bem como a conduta de dirigentes, árbitros e médicos esportivos. Nesta abordagem, tem sido desenvolvidos estudos que enfocam diferentes aspectos do fenômeno esportivo. Dentre eles destacam-se: a educação moral através do esporte, o *doping*; a especialização precoce; a discriminação sexual e racial; a violência; a comercialização e a exploração econômica no esporte; a participação e o direito de decisão dos atletas.

Referências

DaCOSTA, Lamartine. O Olimpismo e o equilíbrio do homem. In: ESTUDOS olímpicos. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 1999. p.50-69.

INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE. **Olympic Charter**. Lausanne: IOC, 2004.

PARRY, J. Olympism at the beginning and end of the twentieth century immutable values and principles and outdated factors. In: REPORT of the Twenty-Eighth Session of the Internacional Olympic Academy. [S.l.]: Ancient Olympia, 1988. p.81-94.

YOUNG, D. **The modern olympics: a struggle for revival**. London: John Hopkins University Press, 1996.